

Olga Garcia Reverbel

ATO ÚNICO

Cenário: À Esquerda, sala de jantar da casa. À direita, fundo de quintal, com um muro alto que dá para a casa do capitão.

PRÓLOGO: Era uma vez uma menina chamada Bete. Ela morava com suas três tias: Manoela, Clara e Maria, numa casinha, numa rua silenciosa da nossa cidade. Af estão elas, vejam bem: são os personagens da nossa peça. Esta é a sala de jantar da casa; ali, a mesa, onde comem e onde Bete faz agora a lição. Ela está no terceiro ano e gosta muito de estudar. Esta senhora de vestido cinza é dona Manoela, a tia-mais velha, que está sempre fazendo tricô. A de vestido de pintinhas é tia Clara; gosta muito do jardim; ela está estudando nesse livro, a maneira de livrar-se das formigas.

Atia Maria é quem trata da comida; está descascando pêras para fazer uma gostosa geléia. São quatro horas da tarde de um lindo dia de verão. A peça vai começar.

BETE + Tia Manoela, estou quase terminando o dever.

T. MANOELA- Quando os deveres estiverem prontos, podes ir brincar um pouquinho no pátio.

T. CLARA - Ihh, essa menina já é avoadada; com a idéia de ir para o pátio, vai errar toda a lição.

BETE + Não vou errar, não, titia. Este dever é fácil... só uma cópia e dois problemas.

T. MARIA - Engraçado. A Bete nunca tem lição de geografia, uma matéria tão bonita! A gente estuda os mapas e vai conhecendo as coisas do mundo.

T. MANOELA- Quem gostava de geografia era o capitão Fragata. Aquêlê homem sim, que conhecia o mar.

BETE - Onde anda êle agora? A casa dêle está sempre fechada.

T. CLARA- Dizem que foi para um país muito distante, do outro lado da terra. Levou tudo. Levou tanta coisa... tôdas as malas, a famosa caixa dos mapas e os telescópios, aquêles instrumentos de ver estrelas de perto.

T. MARIA - Pois é, a casa ficou vazia. Os vizinhos dizem que é um local assombrado que se ouvem barulhos; outros dizem que ali mora um fantasma.

BETE + Dêsse fantasma daí da casa do capitão Fragata é que eu não tenho medo. As meninas da vizinhança contaram que êle é muito bonzinho.

T. MANOELA- Isto são bobagens.

BETE - Pronto. Terminei. Está tudo direitinho: letra clara, nenhum borrão, bem como a professora mandou.

T. MANOELA- Agora sim, podes brincar, mas não te mete bem lá no fundo do quintal, que está cheio de micuim.

T. CLARA - Não fique todo o tempo boboando pelo quintal. Vêse pões um pouco de veneno para as formigas. Elas andam terríveis. As pobres / roseiras são as que mais sofrem: são o seu prato predileto.

BETE + Está bem, titia. Eu faço, mas já vou avisando: não faço com prazer. Gosto muito das formigas. Elas são tão pequeninas e trabalham que dá pena.

T. CLARA - As abelhas também trabalham e merecem tôda a nossa admiração porque não úteis, mas as formigas são destruidoras.

BETE - Tudo isso que a senhora disse é verdade, mas eu também sou amiga das formigas. Para mim, elas são boazinhas. Elas gostam mais do nosso pátio. Acho que é porque, aí no pátio do capitão Fragata, só tem urtiga. O fantasma é quem planta.

T. MARIA--: Ora, Bete, não diga bobagens. Por que havia de um fantasma de / plantar urtigas?

BETE - Que pergunta ! Então a senhora não sabe que urtiga é salada de fantasma? Dizem que êles temperam urtiga com um pouquinho de cinza e bastante querosene. Éo alimento dêles.

T. MANOELA-Vai embora, Bete. Vai brincar depressa. É melhor do que estar com essas conversas bôbas de fantasmas e urtigas.

PRÓLOGO - Lá se vai a Bete para o seu reino, o fundo do quintal. Ela passa horas inteiras sôzinha, fazendo grandes artes. Às vêzes, quando espio, ela está quieta, sentada num tronco admirando as formigas, ou subida no alto do muro, espiando a casa vazia do capitão Fragata.

Lá estão as três tias, Manoela, Clara e Maria. Elas fazem tudo pensando na Bete, que é o centro da vida dessas solteironas, tão ternas e boas ! Tôdas as crianças têm um anjo da guarda; Bete é milionária: tem três anjos da guarda. Vejam só, lá vão elas, cada uma para sua lida: tia Manoela vai para o mercado, com sua inseparável sacola de compras; tia Clara vai começar a limpeza da casa- tira o pó, lustra, lava, fica tudo brilhando que é uma beleza; tia Maria consulta o seu famoso livro de receitas, ela é uma grande doceira; vai para cozinha fazer enorme torta de chocolate para a querida Bete. Mas, onde anda Bete? Ah! já sei, está no quintal, bem no fundo do quintal, que é o seu país bemamado. O fundo do quintal é um mundo maravilhoso, onde ela é a rainha de cada coisa que vive lá, árvores, pedras, pássaros, gato, cachorro o galo Bonifácio, a galinha Nanica, um caracól, um formigueiro, um sapato velho, uma casa de marimbondo, o papagaio e uma linda laranjeira ...

Para Bete, todo êsse mundo do fundo do quintal fala, brinca e se diverte como qualquer pessoa, mas sua grande amiga é a Formiga Vermelha. Vejam só com que prazer elas se encontram ali.

FORMIGA - Bom dia, querida Betinha. Vieste tarde hoje tiveste muitos deveres ?

BETE - Nem tanto, DONA FORMIGA VERMELHA, mas as tias estavam contando coisas interessantes, sabe ? Histórias das famosas viagens do

LIVRE



Capitão Fragata.

FORMIGA - O Capitão Jorge Fragata é um grande homem, já viajou toda a terra e agora quer ir ao planeta Marte.

BETE - Ao planeta Marte? A terra dos marcianos? Mas isso é formidável! Quem foi que lhe contou, Dona Formiga Vermelha?
- Ué! O que é que a laranjeira velha tem hoje? Está tão agitada ...

PAPAGAIO - É o vento, Bete. É o vento, ventoso, ventania ...

FORMIGA - Este papagaio é louco, Bete. Não há vento nenhum, está uma calma tão grande que todas as minhas formigas saíram para o trabalho: ali estão elas, vê só, carregando folhas de roseiras e até algumas pétalas. Isso é um trabalho duro para uma formiga, em dia de vento. Eu já disse que esse papagaio é louco.

PAPAGAIO - Que falta de respeito é essa, Dona Formiga? Em tão a senhora me desmente e, ainda por cima, me chama de louca? Afinal, eu sou a ave muito distinta das matas brasileiras, sim senhora. E a senhora não passa de uma Formiga destuidora, que já acabou com quase todas as rosas da querida tia Clara.

FORMIGA - Malcriada? Então, não respeitas uma senhora ilustre, chefe de um formigueiro importante como o meu? Vou chamar a minha gente e tu vais ver o que é picada de formiga vermelha ofendida. Meninas! ataquem! não deixem uma pena nesse papagaio atrevido.

PAPAGAIO - Socorro? Bete! Essas formigas são ferozes.

BETE - Francamente, vocês não tem vergonha. Um grupo brigando com um. Não é um aluta honesta. vocês são mais fortes. Parem! Parem! Ninguém quer me obedecer? Pois bem. Vou buscar um balde de formicida

FORMICIDA - Pronto, Bete, aqui estou. Agora é que estas feras vão ver quem é o mais forte. um, dois, três, e ... vai começar a cena final. Morte às Formigas!

LIVRE

FORMIGA - Bete, espero que corras com o formicida daqui. Se és minha amiga como dizes, está na hora de provar; os amigos são para as ocasiões não é?

BETE - Mas, afinal, está não é uma luta legal. Este mundo de formigas atacando o papagaio Henriques, que é os mimos da tia Clara. Não posso ficar de braços cruzados, eu sou pelo direito, a senhora bem sabe.

FORMICIDA - Um, dois, três, ...carga!

BETE - Mas, o que vou fazer? tenho que tomar uma atitude. E tu, afinal, porque te agitavas tanto? foste a causa de toda esta revolução. Quem fica quieto não faz encrenca, ouviu, Laranjeira!

FORMIGA - Não é vento, viu? é que ela está dizendo alguma coisa na língua das árvores. Mas não é vento.

PAPAGAIO - é vento, ventoso, ventania.

BETE - Parem! parem! quero paz neste quintal. Ou então, chamo o meu amigo, o capitão Jorge Fragata.

FORMIGA - Não adianta, Bete. Não adianta chamar os outros, para resolver os assuntos do nosso quintal. Resolve tu mesma, ou não tens coragem?



- BETE - Não implique comigo, d. Formiga Vermelha. Chega de briga e pronto. A gente vem aqui para brincar só um pouquinho e vocês começam a atrapalhar tudo. De aqui a pouco, as tias me chamam para jantar e pronto ! Lá se foi o tempo de brincar !
- GALO BONIFÁCIO - Bete, não chora, minha amiga, vou te ajudar. Nasci diplomata, todo mundo sabe. Sou o Barão do Rio Branco aqui do quintal. Resolvo tudo sem lutas. Falo, explico, ageito tudo e não precisa correr sangue, quero dizer formicida.
- BETE - Não adianta, Bonifácio, êles estão surdos aos meus pedidos. E eu não consigo compreender êste enigma da laranjeira.
- GALO BONIFÁCIO - Já disse que sou diplomata. Acalmarei a todos e depois vou decifrar o misterioso enigma da laranjeira com a bússula mágica.
- BETE - Esta bem, Bonifácio, confio em ti.
- GALO BONIFÁCIO - Amigo Henriques, quer ter a fineza de ir para o seu poleiro? Vá, ali esta quentinho, veja só, o bonito raio de sol que o espera. Não perca. E você é tão lindo, tão verde, gosto de ver você perto do raio de sol. E as senhoras, donas formiguinhas, prossigam vosso trabalho, vão levando as fôlhas para o formigueiro. Olhem, que a noite vem aí e operárias tão ativas não podem ficar paradas. A senhora dirija sua gente; para ir adiante, é preciso um bom chefe, enérgico, culto, generoso, e essas qualidades a senhora possui.
- FORMIGA - O senhor é tão gentil, Doutor Galo Bonifácio. Pois não ! Vamos, meninas, ao trabalho ! Não chores mais querida. O sol vai brilhar de novo. Vê, até o caracol esta alegre.
- FORMICIDA - Já sei Doutor Bonifácio. Eu, o elemento útil, devo ir para a prateleira da dispensa e mofar lá. E as senhoras formigas que sigam laboriosas a engolir tôdas as roseiras da D. Clara, pois eu vou-me embora para sempre. Volto para o supermercado, para ser comprado denovo por gente que saiba me aproveitar. Detesto ficar de folga na prateleira, não sou vadio, compreendeu, senhor diplomata de quintal ? A Bete vai me pagar: Vou contar tudo para D. Clara.
- BETE - Pronto. Agora estou outra vez sofrendo. Vai, vai lingua de trapo, vai para o mexerico.
- GALO BONIFÁCIO - Oh ! meu ilustre formicida penso detidamente no caso: valerá a pena estragar uma linda tarde da Bete ? Abrande seu coração, veja essas lágrimas.
- FORMICIDA - Vá lá que seja, eu me calo. Pare de chorar Bete.
- PAPAGAIO - A vida é bela, belíssima, uma beleza. Trata de aproveitar êste mundo que é tão bom, vê só essas maravilhas que o mundo tem para ti, Betinha. Vê o lindolimoeiro agitado pela brisa suave da tarde.
- GALINHA NANICA - Ai que poético, papagaio Henriques ! como o senhor fala bonito !
- PAPAGAIO - Oh ! Dona Galinha Nanica, esta é minha linguagem natural, que fazer? Nasci poeta.

- 6
- CARACOL - Lá me vou eu, está na hora de caçar minha mosca para o jantar.
- FORMIGAS- Nós vamos comer roseiras: morder, pegar, garregar, morder pegar, carregar.
- BETE - Vocês vão coisa nenhuma. Isto é covardia. Ninguém dá um passo.
- GALO BONIFÁCIO - Atenção ! Bete é o nosso general ! As forças do quintal estão mobilizadas ! Mãos à obra !
- BETE - Quem vem lá ! Ó de casa ! Vocês aí, tragam-me uma escada. Vou dar uma espiada no pátio do capitão. Aqui estou, pertinho do muro. É alto este muro e, ainda por cima, tem cacos de vidro. Mas eu dou um jeito.
- FANTASMA - Bom dia, gentil dama. Que belo quintal. E êsse povo todo aqui. Aí que simpatia. A senhora foi muito encantadoríssima de pôr esta escadinha para eu vir até cá, pois, sou um homem do mar e não atino muito com alturas, gentilíssima dama.
- BETE - Obrigada. O senhor é um cavalheiro muito distinto. Passe, tenha a bondade. Eu queria mesmo falar com o senhor, há muito tempo. Quietos, quietos ! O senhor aqui é um amigo. Fique, senhor Fantasma Marítimo. Tome mais um mate.
- GALO BONIFÁCIO - Agora, então eu, com minha técnica policial moderna. O senhor andou lutando pelo que vejo.
- FANTASMA - Vê o que ? Como ?
- BETE - É que o senhor tem um rasgão na manga e outro na sua linda gravata de marinheiro.
- FANTASMA - É mesmo. Como são observadores. Eu nem tinha visto tal estrago, preciso pôr outra farda. Já me vou. Licença, gentil dama.
- GALO BONIFÁCIO - Licença, peço-lhe eu, senhor Fantasma Marítimo. Mimoso. cadê o pedaço de pano branco que trouxeste na bôca ? e tu, Jerry, onde está o trapo vermelho ?
- JERRY - Meu trapo vermelho também sumiu, doutor. Acho que alguém pegou.
- CARACOL - Ninguém perdeu nada, eu guardei aqui na minha caixa. Guardo tudo aqui, pois o senhor Dr. Galo Bonifácio já disse que sou o arquivo dêste quintal.
- GALO BONIFÁCIO - Ótimo ! Abra esta caixa. A organização é tudo na vida !
- FANTASMA - Mas, minha gentil daminha, eunada tenho comisso. Sou um homem domar e essa história de trapos vermelhos e brancos não é comigo.
- BETE - Calma, senhor Fantasma Marítimo. Nós aqui somos gente de paz, queremos ajudar o senhor. Tenha calma !
- GALO BONIFÁCIO - Sim, apenas ajudar o senhor, pois falta-lhe um pedaço de manga e outro da imponente gravata. Ora as côres são as mesmas dos trapos trazidos por Jerry e Mimoso após certa luta...
- FANTASMA - Mas eu... eu... nada tenho que ver com isso !
- GALO BONIFÁCIO - É claro. Mas, espere um momentinho: se as côres são as mesmas talvez a fazenda seja a mesma e aí Bem, agora está provado que há mistério. A mim êle nunca iludiu.Êsse fantasma é fingido.

- BETE - Precisamos primeiro saber do que se trata. Vamos investigar. Cada um conta o que sabe sobre o caso. Espero que todos sejam sinceros.
- FORMIGA - Está tudo muito certo, mas, primeiro devemos esperar que Mimoso e Jerry voltem da terrível caça ao fantasma. As informações deles serão valiosas.
- BETE - Tem razão, Formiga. Ai vem eles felizmente.
- MIMOSO - Quase peguei aquele fantasma.
- JERRY - E eu ainda trouxe mais um pedaço da gravada. Ele ficou verde de medo de mim.
- PAPAGAIO - Verde claro ou verde escuro ?
- JERRY - Claro, verde pálido.
- GALO BONIFÁCIO - Acho que você, Bete, deve fazer as perguntas... Afinal você é a rainha deste pátio. Todos de acordo ?
- TODOS - De acordo.
- BETE - Bem, neste caso todos se coloquem em círculo. Começemos. Mimoso, passa em primeiro lugar. Juras dizer a verdade e somente a verdade?
- MIMOSO - Juro.
- BETE - Gato mimoso, que motivos te levaram a perseguir o Fantasma Marítimo ?
- MIMOSO - Bem, ontem à noite, eu vinha voltando de um baile que houve na Gatolândia, quando vi um vulto branco saindo debaixo da laranjeira.
- PAPAGAIO - Olhem só, a laranjeira está concordando ! Está concordando !
- BETE - Continue. Mimoso. Que fez o vulto ?



Mimoso - Ah, isso eu não sei. Só o vi quando se retirava sorrateira, tentando subir no muro. Nesse momento foi que ouvi a voz de Jerry.

BETE - Obrigada, Mimoso. Agora tu Jerry. Juras dizer a verdade e somente a verdade?

JERRY - Levantando a pata direita. Juro

BETE - Que motivos te levaram a perseguir o Fantasma Marítimo?

JERRY - Bom. Eu estava lá embaixo de uma árvore roendo o meu osso de jantar quando vi um vulto branco a passar pelo formigueiro e, por baixo da árvore, começou a cavocar.

BETE - Foi nesse momento que você o atacou?

JERRY - Não. Naquele momento, não ataquei, e osso estava muito gostoso e, como o desconhecido não me atacou e continuou cavocando, eu pensei - esse cavalheiro é de paz.

Com certeza é algum enviado de Dona Clara, para acabar com o formigueiro. Per isso, continuei a roer meu osso, na calma.

BETE - Vamos, isso não são heras de catar pulgas. Prossiga o seu depoimento.

JERRY - Bem, foi nesse instante que apareceu o Mimoso e atacou o vulto branco, que saiu correndo, com um objeto brilhante na mão. Ai, eu comecei a latir e ataquei. Pois, os senhores sabem que cuido bem deste pátio. Cumpro o meu dever.

FORMIGA VERMELHA - Socorre, socorre! Desapareceu o meu tesouro, meu único tesouro! Ai, ai, sinto-me mal.

PAPAGAIO - Chamem um médico, um médico.

GALINHA - Aqui vou eu. Não sou médica, mas tenho um curso completo de enfermagem.

BETE - Ceitada de Dona Formiga Vermelha: Mas qual será esse tesouro que ela tem escondido no formigueiro? - Eh! Vocês aí são sabedoras? Que tesouro é esse?

PAPAGAIO - Mistério, mistério, misterioso!!!

BETE - Melhorou? Já está ficando boa?

FORMIGA VERMELHA - Estou melhor, obrigada Bete. Não foi nada, e o susto, é o coração que tenho fraco. Vamos para casa, meninas. Está anoitecendo. Precisamos fechar bem o formigueiro, hoje.

BONIFÁCIO - Mas não é hora de sair senhora Formiga Vermelha, sem mais nem menos. Bete está fazendo perguntas para esclarecer um mistério. A senhora acaba de desmaiar de susto porque lhe desapareceu um tesouro precioso, isso não pode ficar assim, vamos pôr tudo em pratos limpos. Não é Bete?

BETE - Naturalmente, Doutor Gale Bonifácio! Agora é a senhora que vai falar Dona Formiga Vermelha. A senhora é uma testemunha importantíssima nesse caso.

Tem a palavra.



Formiga Vermelha - Bem, era um segredo nosso, Bete,
... mas... se me dá licença eu folarei.

- BETE - Para meus amigos não guardo segredo, e, nós aqui estamos em família. Pode falar. Examinando bem, eu não tinha segredo, tinha mesmo era um plano, quem tinha o segredo era a senhora, lembra?
- NANICA - Qual era teu plano, Bete? Perdão, mas sou uma galinha muito curiosa.
- BETE - Era o seguinte: eu queria fazer uma viagem imensa, como as de Capitão Jorge Fragata. Aí é que começou a dificuldade. Uma viagem à lua, por exemplo, é muito longa. Quando imaginava a maneira de ir até lá, consultei Dona Formiga. Então ela me respondeu que, para ela isto era muito fácil, que ia dar um jeito e que me arranjará uma viagem à lua e outra a Marte.
- NANICA - Mas, isso leva milhões de anos e as tias nunca iam te deixar, Bete.
- BETE - Eu não ia fugir e nem precisava pedir a elas. Fazia toda a viagem numa tarde. Ia e voltava, porque era um raide veloz.
- BONIFÁCIO - Mas, que loucura! Nunca poderias fazer uma coisa destas. Não és mágica. És, apenas, uma menina como as outras, querida Bete.
- BETE - Isso eu sei. Não precisa explicar Doutor Sabe Tudo. Sei muito bem que sou apenas uma menina, mas fiquei cheia de esperanças porque a Formiga Vermelha prometeu arranjar para mim a lindíssima viagem. Quem não ficaria animado para viajar?
- BONIFÁCIO - Que diz de tudo isso, senhora Formiga Vermelha?
- FORMIGA VERMELHA - Digo que é a pura verdade. Prometi a Bete porque eu podia prometer. Eu tinha a chave de encurtar distâncias que desapareceu ontem à noite.
- PAPAGAIO - A "Chave das distâncias"? Que é isto? Coisa rara, rara, rara.
- FORMIGA VERMELHA - Pois fiques sabendo Henriquez que não é uma coisa rara. É até uma coisa muito simples. Pego a chave das distâncias assim, vou torcendo a distância para encurtá-la. Por exemplo: daqui ao centro da cidade são cinco quadras; pego a chave das distâncias, torço, torço e fica só meio metro. Daqui ao Rio de Janeiro, são Dois mil quilômetros. Torço minha chave da distâncias e ficam só dois metros: pertíssimo.
- BONIFÁCIO - Mas, a senhora é uma cientista pura, D. Formiga Vermelha. A senhora tem em seu poder, a descoberta do século XX.
- PAPAGAIO - Encurta a distância, encurta o tempo... Oh! Maravilha!
- BETE - Vocês compreenderam agora, meus amigos? Com essa chave eu ia à lua domingo de tarde e voltava muito antes da hora do jantar.
- FORMIGA VERMELHA - Pobrezinha! Acabou-se o teu sonho. A chave das distâncias está perdida.
- BETE - Minhas viagens! Nunca poderei ir à Lua, nem ao Planeta Marte. Eu queria tanto ser como o Capitão Jorge Fragata!
- BONIFÁCIO - Conclusão desta investigação: a chave das distâncias deve estar com o Fantasma Marítimo.



- BETE - Não chore dôsse jeito, D. Formiga Vermelha. Assim a senhora dasanima todos nós. Não se preocupe tanto. Nós somos seus amigos e estamos aqui para ajudá-la.
- Havemos de encontrar a chave.
- BONIFÁCIO - Bete, eu estou desconfiado de que o Fantasma Marítimo ainda volta cá, pois, D. Formiga contou-me que ela tem outras chaves.
- BETE - Sim. Eu também sei que a D. Formiga tem chave para tudo. Mas, por que há de voltar o Fantasma, se êle já levou a chave de encurtar distâncias?
- BONIFÁCIO - Um momento. Quero esclarecer tudo aos amigos D. Formiga, quantas chaves a senhora tem?
- FORMIGA VERMELHA - Tenho seis chaves, tôdas muito importantes: a chave do tamanho, a chave de tornar invisível, a chave de decifrar enigmas, a chave dos sonhos maravilhosos, a chave dos segredos e a chave das distâncias.
- BONIFÁCIO - Perfeito. Agora, diga-me uma coisa: Quantas chaves desapareceram?
- FORMIGA VERMELHA - Oh! Coitada de mim! Desapareceram três.
- BETE - Quais foram as outras duas? Uma, nós sabemos, foi a de encurtar distâncias, a mais preciosa.
- BONIFÁCIO - Muito bem, Bete. Vejo que segues meu pensamento. Diga, Formiga, quais foram as outras duas?
- FORMIGA VERMELHA - A dos segredos e a dos sonhos maravilhosos.
- BONIFÁCIO - Então, estamos salvos. De acôrdo com o que a senhora ja me explicou, é a chave dos segredos que faz funcionar tôdas as outras.
- Há uma coordenação perfeita. Portanto, êle será obrigado a voltar.
- BETE - Êle voltará e, aí nós o pegaremos.
- TODOS - Voltará, voltará e nós o pegaremos.
- FORMIGA VERMELHA - Oh! Como é bom ter amigos! Sinto que voêds me ajudarão a encontrar a chave perdida.
- TODOS - Vamos achar a chave, vamos achar a chave.
- A VOZ DAS TIAS - Bete, Bete, Bete.
- BETE - Já vou. Estava arranjando um brinquedo para amanhã.
- TIA MANOELA - Venha. Seus brinquedos nunca têm fim. Um dia emenda no outro.
- BETE - Já vou. Mas, responda-me uma coisa: quando se perde uma coisa, que é que se faz para achar?
- TIA CLARA - Procura-se por todos os cantos.
- TIA MARIA - Reza-se para encontrar.
- TIA MANOELA - Coisa perdida, Negrinho do Pastoreio é quem acha.
- BETE - Amanhã eu volto. Fiquem atentos durante a noite.
- TIAS - Bete, Bete, Bete.



FANTASMA - Mestre Caracol, está me faltando a chave do Segrêdo. A das laranjeiras.

CARACOL

- Foi um transtorno esquecer a chave dos segredos no formigueiro. Todos estão resenhados e a laranjeira passou o dia dando sinal.

FANTASMA

- Não temos sorte. Todos contra nós. Se ao menos compreendessem que somos honestos e que estamos tentando salvar o Capitão Fragata! A única coisa que atrapalha é o egoísmo da Formiga que nunca quer emprestar as chaves. E, ainda por cima, outro telegrama do Capitão Fragata.

CARACOL

- Que transtorno! Lê o telegrama. Preciso saber o que diz o Capitão Fragata, para tomar medidas.

FANTASMA

- Aguarde chegada da mensageira Azulina enviada fim trazer solução imediata para o Capitão Fragata.

CARACOL

- Fale baixo. Essa gente pode ouvir. O galo tem sono leve e a galinha Natica sofre de insônia.

FANTASMA

- Dentro de cinco minutos, pelo relógio marciano, a mensageira Azulina chegará. Vou instalar o radar na roseira, para a aterrissagem. Ai! Esta roseira é terrível. Como Espinha! Vou instalar o radar no limoeiro.

CARACOL

- Que falta de modos! O senhor Fantasma Marítimo não é um inimigo para ser tratado assim.

FANTASMA

Impassível instalar o radar nesta árvore! Ai de mim, Azulina está Chegando. Vocês aí, deixem que eu instale o radar no fundo da sala?

CARACOL

- Vá, vá. Temo. Tenho aqui uma chave de fenda, um martelo e uma antena marciana. Vá tecando para a frente. Rápido que os ruídos aumentam.

CARACOL

- Bemvinda, mensageira Azulina. Que notícias trazes do Capitão Fragata.

AZULINA

- Vim de Marte, encarregada de uma missão. Houve tempestade e o nosso valente Capitão Fragata está prisioneiro no asteroide 518. Nós que somos seus amigos, precisamos salvá-lo.

FANTASMA

- Vamos, mensageira Azulina. Não há tempo a perder. Ao quintal! Tenho enterrada, ao pé da laranjeira, a "Chave que encurta distâncias". Falta-me a Chave de Segrêdo para poder lidar com ela. Temos que agir.

CARACOL

- Quando estivermos de posse da Chave de Segrêdo, encurtaremos a distância da terra ao asteroide 518. E, em vinte e cinco segundos, lá estaremos para salvar o grande Fragata.

FANTASMA

- Está amanhecendo. O povo do quintal vai acordar. Preciso agir rapidamente.

AZULINA

- Pronto, o galo cantou, o dia começa. Vamos nos esconder

TIA CLARA

- Bete, Bete, são seis e meia. Levanta depressa.

BETE

- Tia Clara, o galo já cantou?

TIA CLARA

- Cantou sim.



- BETE - Cantou? muitas vezes? Lá vou eu.
- TIA CLARA - Já está de uniforme?
- TIA MANOELA - Tomou todo o café?
- BETE - Sim, lá vou eu.
- TIA CLARA - Não se demore no quintal, cuidado com a hora do colégio.
Bom dia, bom dia!
- GALO - Você não ouviu um barulho estranho?
- BETE - Não, não ouvi nada. Por que? O que é que houve?
- NANICA - Os barulhos vem da laranjeira, mas vejo sombras para o lado da figueira.
- GALO - Sinto que há gente estranha neste pátio.
- PAPAGAIO - Vamos investigar o caso. Onde está Jerry? Jerry, Jerry, aqui.
- JERRY - Pronto.
- PAPAGAIO - Faz o relatório da noite, conta tudo o que aconteceu.
- JERRY - Bem... vou confessar. Não vi nada. Isto porque fui a uma reunião no Kennel Club que terminou tardíssima, perdão, dormi um sono pesado. Mas agora vou trabalhar. Estou farejando algo para este lado.
- FORMIGA VERMELHA - A Chave de Segrêde não desapareceu. Mas o formigueiro e a roseira estão muito pisoteados. Andou gente aqui.
- BONIFÁCIO - Vamos nos dividir em grupos e examinar todo o quintal.
- BETE - Grande idéia; acharemos os culpados e recuperaremos nossa Chave perdida!
- NANICA - Mas, cuidado com a hora. A Bete entra na escola às 8 h em ponto.
- PAPAGAIO - São 7 e 15, sete e 15!
- BETE - Olhem a laranjeira; está agitadíssima!
- BONIFÁCIO - A Figueira também. Olhem, o limoeiro também.
- CARACOL - Bete, acho que está atrasada para o colégio.
- BETE - Tenho ainda alguns minutos. Se você não ajuda, não atrapalhe.
Precisamos achar a chave perdida e acabar com os mistérios.
- BONIFÁCIO - Peguei! Peguei todo o mundo.
- BETE - Atenção! Vamos cercá-los. Formiguinhas, cortem a saída para o quintal do Capitão. Jerry, fica na escada. Mimose, no portão. Não deixa ninguém fugir.
- FORMIGA VERMELHA - Minha chave! Minha chave de encurtar distâncias! Onde é que você a escondeu, seu fantasma?
- BETE - Calma, ele é nosso prisioneiro e só será libertado, se nos ajudar a procurar a chave.
- NANICA - Olhem aqui, esta moça não é destas bandas. Que engraçada, cara azul, cabelo azul e treme e pisca como uma lâmpada elétrica.
- BETE - Que belezinha, tenha a bondade, apresente-se.
- BONIFÁCIO - Ordem! Mais ordem! Minha senhera, de onde vem e para onde vai?
- AZULINA - Vim de Marte e volto para Marte. Se suas Excelências me derem licença.

